

Eu, Gérard Dumaaurier...

Ao escrever estas palavras, duvido da sua realidade. Duvido da realidade do ser que elas designam: eu mesmo. Será que existo? Serei outra coisa a não ser um sonho ou, melhor dizendo, um pesadelo? A explicação mais razoável que posso encontrar para os meus pensamentos é que estou louco.

Sim, de certeza que sou um pobre louco que escrevinha num hospício, alheio a todas as realidades do mundo exterior. De certeza que os médicos lhe deixam papel e canetas para depois poderem estudar os seus rabiscos e extrair daí assunto para sábios tratados de psiquiatria. Se assim for, tanto melhor. Preferia cem mil vezes ser um louco delirante a um canto de uma cela acolchoada do que viver – ter vivido – os pesadelos delirantes que me parecem ser as minhas recordações.

Recordações, assustadoras recordações, pudésseis ser apenas sonhos!

Médicos, sábios médicos que a cortina da minha loucura me esconde, é para vós que escrevo. Se existirdes, estas divagações terão pelo menos algumas testemunhas, testemunhas amáveis e que me compreenderão... talvez... em parte.

Se não existirdes...

Mas preciso de ter força de vontade e convencer-me da vossa existência. Caso contrário, nunca terei coragem para continuar.

Por isso, devo voltar atrás no túnel do tempo até à época em que vivia e pensava de um modo coerente. Como parece distante!

Nessa época, eu era Gérard Dumaaurier. Agora já não sei quem sou, ou se sou alguma coisa sequer. A minha identidade esboroa-se, desfaz-se, quebrada pelo aríete das catástrofes, pulverizada pela dinamite dos choques mentais; sinto que os seus átomos se dispersam, corroídos pelo ácido de uma solidão cósmica, num mundo arrepiante.

Eu era Gérard Dumaaurier. Um indivíduo confortavelmente instalado num mundo feito para ele como a porca para o parafuso. Havia esplanadas de café que matavam a minha sede, alfaiates que me vestiam, radiadores que me aqueciam, mulheres agradavelmente arrançadas que me sorriam. Agora... Mas já não quero pensar em agora. Já não quero... Ou ainda não... Será, contudo, necessário...

Eu era preceptor dos filhos de Lorde Clendennis. Um emprego de sonho, como se dizia então. Sem grande coisa a fazer. Lorde Clendennis, apesar do seu nome spenseriano e aristocrático, era um municionário que tinha enriquecido, de seu verdadeiro nome Isaac Fungo. Comprara uma baronia. Isso ainda se faz hoje? Ainda há aristocratas hoje, doutor?... Tanto faz. Não serei capaz de perceber a resposta do doutor, se estiver mesmo louco. E se não estiver louco...

Onde é que eu ia? – Ah, sim! Ratbert e Charles. Eram os meus dois alunos. O meu trabalho consistia em vigiar os seus jogos e brincadeiras e em inculcar-lhes alguns conhecimentos vagos. Ratbert tinha cerca de catorze anos e Charles dez anos e meio. Dez anos e meio ou onze anos? Talvez um pouco mais; já não sei ao certo. Viajávamos muito, os três juntos, sem nos preocuparmos com sua senhoria, como lhe chamavam. Sua senhoria! Ah! ah! ah!... Chegara a haver uma *Lady* Clendennis, mas tinham-se divorciado. Não me lembro do que fora feito dela depois. Julgo que se retirara para uma luxuosa casa, algures no aquário azul da Riviera. Quanto a nós, vagueávamos de um extremo ao outro da costa atlântica, que agradava mais aos meus alunos. Holanda, Ostende ou o golfo da Gasconha; mais raramente a

Bretanha. Por vezes, Lorde Clendennis juntava-se a nós na costa basca, para onde era atraído pelo casino de uma conhecida estância balnear cujo nome esqueci entretanto. Vejamos, rima com o nome de uma batalha: Austerlitz... Ah, já sei! Biarritz. Biarritz! Foi aí que conheci Elena Bubulco. Ela dizia ser romena. Mas o que interessa isso? Já não existe a Roménia, nem Biarritz, nem casinos, nem a França, nem seja o que for, e eu rabisco estas linhas no fundo de uma caverna pré-histórica, com um resto de lápis, num caderno de notas encontrado por acaso, quando... Mas não, não tenho a certeza. Talvez esteja mesmo num hospício e me tenham dado papel e um lápis, como a tantos outros, para ver o que eu decidia escrever... Oh, além disso, estou-me nas tintas. O hospício ou a caverna... Enfim!

Regressemos à minha história. Seja como for, sempre me mantém ocupado. O pai dos meus alunos fazia muita questão de que os seus filhos falassem francês. E eles tinham acabado por falar melhor francês do que inglês. Tirando isso, não sabiam praticamente nada. Era melhor assim. Também não lhes ia servir de muito... Na altura da guerra, não estávamos junto ao mar. Seguindo o conselho dos médicos, preocupados com o estado de saúde de Charles, tínhamos ido fazer uma cura de altitude numa aldeia perdida da Lozère. Chamava-se... Como é que se chamava? Já não me consigo lembrar do nome. Uma coisa é certa: o ar era excelente. Tinham instalado aí um preventório, uma colónia de crianças que deviam ter uma certa vocação para viver, apesar das suas doenças, pois algumas ainda estão vivas.

Como tudo isto me parece distante... Como me parece distante, essa aldeia. Num outro mundo... E, contudo, é curioso!, pensando bem, devo estar muito perto dessa aldeia. Não nos deslocámos – ou muito pouco. Ainda estamos na Lozère. Estamos muito perto do local. No entanto, já não há Lozère. Já não há aldeia. Desapareceu ao ponto de eu nem sequer conseguir recordar o seu nome. Os nomes! Será que me vou lembrar do meu até ao fim? Eu, Gérard Dumaurier...

Gérard Dumaurier! Gérard Dumaurier! Repito este nome em voz alta, agarro-me a este nome como um afogado a um ramo, apesar de este nome já não significar grande coisa. Sinto que a minha identidade me foge, sinto-a dissolver-se, fundir-se. Alguma vez existiu sobre a terra um homem chamado Gérard Dumaurier? Alguma vez existiu sobre a terra fosse quem fosse?...